

Ciência em debate: o papel das epidemias no processo de mortandade dos povos indígenas durante a colonização da América

Science under debate: the role of epidemics on the mortality process of indigenous peoples during the colonization of America

Ana Paula Alves Coelho

Graduada em História

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

anapaulacoelho444@gmail.com

Recebido: 20/06/2025

Aprovado: 29/10/2025

Resumo: Neste artigo, discute-se as epidemias ocorridas na América colonial e as diferentes interpretações acadêmicas acerca de seu papel na redução populacional dos povos originários dentro desse contexto histórico. Para tanto, é realizada uma revisão de literatura com o intuito de identificar esses posicionamentos e compará-los entre si. De modo geral, as análises por muito tempo se dividiram entre os autores que consideram as doenças fatores decisivos e determinantes para o elevado número de mortes indígenas após o contato, e aqueles que atribuem esse processo às condições insalubres impostas pelo colonialismo. Ainda é apontado uma “terceira via” que atualmente vêm tentando igualar o impacto destes processos no genocídio indígena colonial.

Palavras-chave: Epidemias; Ameríndios; Depopulação.

Abstract: This article discusses the epidemics that occurred in colonial America and the different academic interpretations regarding their role in the population reduction of indigenous peoples within this historical context. To this end, a literature review is conducted to identify these positions and compare them. In general, analyses have long been divided between those who consider diseases to be decisive and determining factors in the high number of post-contact indigenous deaths, and those who attribute this process to the unsanitary conditions imposed by colonialism. A "third way" is also suggested, which is currently attempting to equate the impact of these processes with the colonial indigenous genocide.

Keywords: Epidemics; Amerindians; Depopulation.

Introdução

“A espada, a cruz e a fome”, são os elementos que o poeta Pablo Neruda (1977) destaca para resumir a sucessão de violências ocorridas aos povos nativo-americanos, durante o período de colonização europeia, que culminaram na dizimação de grande parte das suas populações. Todavia,

entre a espada, a cruz e a fome também há outro fator considerável quanto ao genocídio de indígenas no período colonial: a doença, ou mais especificamente, as doenças.

Sendo assim, diversas fontes historicamente situadas a partir do século XVI, que vão desde escritos europeus a registros típicos dos ameríndios, comprovam o colapso demográfico ocorrido entre os nativos americanos pós-encontro com os colonizadores. De modo majoritário, onde ocorreram mais mortes, como no atual México e América Andina (Waizbort, Porto, 2018, p. 392). Essa discrepante mortandade foi associada por muitos estudiosos, entre eles historiadores, as epidemias de forma isolada, uma vez que a disseminação de doenças como Tifo, Sarampo, Varíola e a Peste “neumônica” foram realmente comprovadas como influentes para diminuição de pelo menos 60% das populações indígenas no período colonial (Moraes, 2018, p.3).

Entretanto, observar as ações das enfermidades trazidas da Europa como agentes solitários responsáveis pelo genocídio em massa das sociedades pré-colombianas é interpretado, por diferentes autores, como errôneo. Afinal, dessa forma não estaríamos considerando as condições de insalubridade e subsistência com as quais essas sociedades indígenas foram expostas pelos colonizadores durante esse período, impactando sua imunidade. Pois, de acordo com Diehl:

[...] foram (e continuam sendo) as práticas e ações políticas de não indígenas as grandes responsáveis pela produção das desigualdades e vulnerabilidades, propiciando a propagação de doenças que levam a maiores taxas de morbidade e mortalidade desses povos em comparação a outros grupos populacionais (Diehl, 2022, p. 8).

Nesse sentido, o trabalho em que aqui será desenvolvido teve inspiração na obra audiovisual “Pantera Negra: Wakanda Para Sempre” (2022), na qual o antagonista Namor é um indígena – aparentemente mesoamericano, ligado aos maias – que demonstra possuir total aversão aos exploradores espanhóis. Isso pois, no passado colonial, seu povo foi quase completamente exterminado pela varíola trazida pelos viajantes, tendo como última saída de sobrevivência a adaptação biológica e transferência dessa sociedade para a cidade subaquática de Talocan. Entende-se que o grande abismo entre a vida e o universo cinematográfico da Marvel seja apenas a surreal habilidade humana de respiração por baixo da água, pois a narrativa fílmica em tudo se assemelha com a história de diversas comunidades indígenas que sofreram do genocídio de seus povos seja pelas doenças, a violência ou ambos vindos do “Velho Mundo”.

Logo, através do estímulo do entretenimento – entendendo a diferença da ficção e do real, mas também a inspiração da sétima arte na História – e das considerações expostas a cima, é que o presente artigo procura abordar as epidemias ocorridas na América colonial e quais são as interpretações acadêmicas sobre o seu papel para diminuição populacional dos povos originários em meio este contexto. Por isso, questiona-se: quais os principais posicionamentos científicos sobre o papel das doenças no processo de redução populacional dos povos originários no período de colonização da América? Para atender a este problema de pesquisa, este artigo tem como objetivo geral encontrar os mais destacáveis apontamentos da academia sobre o impacto das enfermidades no processo de mortandade dos ameríndios no contexto histórico referido.

Para atingir o objetivo geral, estabeleceu-se um único objetivo específico, sendo este o de realizar uma revisão de literatura sobre as diferentes e principais interpretações da ciência acerca do papel das epidemias no processo de redução populacional dos povos indígenas no contexto de colonização da América. Dessa forma, nesse trabalho não se compete trabalhar com a enorme gama de fontes primárias sobre o assunto, mas sim abranger os divergentes posicionamentos de pesquisadores sobre a importância das doenças em meio a este momento da História da América colonial.

O esforço analítico a ser empreendido se justifica pela necessidade de se desmistificar a ideia do europeu “mais forte” e indígena como etnia “mais fraca” durante a colonização americana. Enfatizando que, além de uma exploração territorial de seus recursos naturais e uma imposição cultural, os colonizadores também trouxeram doenças que infringiram negativamente em seus movimentos de resistência. Tal ponderação é assim desenvolvida por uma das referências levantadas:

Uma explicação racista e equivocada da história diria que, supostamente, os europeus eram mais inteligentes que os demais povos. Todavia, a história seguiu diferentes rumos de desenvolvimento, para diversos povos, devido às diferenças no ambiente em que viviam, e não a distinções biológicas ou genéticas entre eles (Ambientais, 2020, p.3).

Além disso, outra cabível consideração a ser feita para a justificativa, é quanto a relevância das epidemias para a História, pois de acordo com Dantas:

[...] as epidemias possuem grande potencial de intervenção no curso da História, por vezes trazendo permanentes alterações nas sociedades que as experimentam. O mesmo podemos levar em conta ao analisar o processo de colonização europeia na América, marcado por conflitos destes com os povos originais, com claros prejuízos

para estes últimos, trazendo consequências que podemos observar até a contemporaneidade (Dantas, 2020, p. 606).

Destarte, conclui-se que o esforço que será realizado a seguir se mostra válido por tais motivos, tanto quanto a questão de contradizer uma historiografia racista que coloca o indígena como uma etnia inferior biológica e psiquicamente aos colonizadores, quanto em relação a importância das epidemias para o estudo da História, uma vez que provocam mudanças profundas nas relações humanas. Principalmente quando falamos de um grupo devastado demograficamente pelas mesmas, como os povos nativo-americanos após o contato com os homens das terras de além-mar, da onde traziam sua ganância e suas “pestes brancas”.

As Diferentes Opiniões

Durante o período de colonização da América, foram diversas fontes primárias e pessoas as quais relataram a catástrofe demográfica indígena que ocorria bem a sua frente ou advinda das notícias que lhe chegavam do “Novo Mundo”. Entre os autores contemporâneos ao contexto, destacou-se os escritos do frade dominicano Bartolomeu de Las Casas, que em sua obra *“Brevísima relación de la destrucción de las Indias”* (1552) já denunciava a dinâmica de exploração colonial como fator agravante às doenças no genocídio ameríndio, e os do franciscano Bernardino de Sahagun que defendia a ideia totalmente inversa em *“Historia General de las Cosas de la Nueva España”* (1585), atribuindo protagonismo as enfermidades diante da alta mortandade indígena pós-contato com o “Velho Mundo”. Sem contar as palavras deixadas pelos padres jesuítas brasileiros, como José de Anchieta e Antônio Vieira, estes que em sua maioria atribuíram as mortes pelas doenças como castigo divino das insubordinações do povo nativo (Anzolin, 2016, p. 277).

Todavia, o estudo de fato acadêmico/historiográfico sobre o papel das enfermidades no extermínio de grande parte dos indígenas durante a colonização, por um tempo, foi impedido pela atribuição tradicionalista dessas ocorrências à, segundo Waizbort (2020, p.1) “violência dos espanhóis, às suas armas de fogo, ao seu poder militar, e a uma suposta superioridade intelectual e religiosa”. Em especial os espanhóis, devido a América espanhola ser a região de maior hecatombe demográfica indígena pós-colombiana.

Todavia, em meados do século XX, alguns estudos demográficos de ameríndios apontaram números exorbitantes – e até mesmo duvidáveis na visão de alguns – de mortes pós-contato do Velho e o Novo Mundo. A principal destas investigações é a do antropólogo Henrique Dobyns, que em sua obra *Estimating Aboriginal American Population* de 1966, refuta pesquisas anteriores que estimariam a população americana pré-colombiana em 1 milhão só para a América do Norte e passa a aproxima-la para cerca de 9,8 a 12,2 milhões de pessoas, ainda considerando um total de 90 a 113 milhões de indígenas em todo o hemisfério americano (Dobyns, 1966, p.415). Portanto, Dobyns propõem que as populações ameríndias sofreram uma queda média de 95% pós-contato, isto é, uma razão de 20 para 1 entre a população original e a sobrevivente (Dobyns, 1966, p. 414).

Sendo assim, Dobyns inspirou seguidores que utilizaram e até ampliaram sua teoria, como William Denevan em *The Native Population of the Americas in 1492* (1976) e Russell Thornton em *American Indian Holocaust and Survival: A Population History since 1492* (1987), sendo considerados os “altistas” (pesquisadores que defendem altas estimativas populacionais pré-colombianas). A questão é que tanto Dobyns quanto seus apoiadores assumem que as doenças trazidas de além-mar foram a causa mais forte, se não a principal, do declínio populacional ameríndio no período colonial. Entretanto, novos pesquisadores começam a desconfiar do número demasiado de mortes apontados por essas investigações, assim como a exagerada relevância dada as enfermidades como causa da hecatombe.

A partir do estopim de Dobyns, o assunto epidemia como causa do declínio populacional dos povos indígenas na América Colonial toma forma nas discussões acadêmicas e, desde então, a pauta vem sendo revisionada até os dias de hoje. De modo geral, baseado no levantado, as interpretações por muito tempo dividiram-se entre os autores que acreditavam que as doenças foram decisivas e determinantes para a morte discrepante dos indígenas pós- contato, e aqueles estudiosos que tendiam a crer nas insalubridades do colonialismo como a fonte desse acontecimento histórico.

Dessa forma, é importante destacar que ambos os grupos não eliminam a coexistência das enfermidades ou da violência no genocídio da população indígena colonial, apenas se diferem em dar mais relevância a um fator que ao outro. Tal ocorrência acaba por criar uma “terceira via”, ou seja, novos autores que passam a balancear a relevância desses fatores em medida igual.

Destarte, partindo do pressuposto que existem diferentes interpretações sobre a atuação decisiva ou relativa das doenças, podemos introduzir as ideias dos autores os quais defendem a sua ação determinante. Isto é, tais estudiosos apoiam a ideia de determinismo biológico, que indica a

inevitabilidade do desastre demográfico entre os nativos americanos nesse contexto, devido à sua falta de contato prévio com essas enfermidades, os quais os europeus já possuíam, por isso não teriam morrido aos montes como os indígenas.

Portanto, a teoria que evidencia os fatores citados a cima ficou conhecida como teoria da epidemia em solo virgem (*virgin soil epidemics*) e foi amplamente difundida pelos pioneiros no assunto Albert Crosby e William McNeill, durante a década de 1970. Logo, tanto Crosby quanto McNeill concordavam na hipótese de que foram as doenças a causa principal do declínio demográfico dos ameríndios pós-contato, o que seria uma explicação para como os europeus conseguiram, mesmo numericamente inferiores, dominar as comunidades indígenas na colonização.

No livro *The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492* (1972), Crosby chega a usar de exemplo a tomada de conquista do Império asteca de Tenochtitlan pelos espanhóis, para evidenciar o papel crucial das epidemias nessa ocorrência. Na obra, o autor busca compreender porque razão os ameríndios não conseguiram se defender mesmo possuindo suas próprias táticas de guerra, concluindo que as doenças seriam uma das consequências inevitáveis do termo criado por si, “intercâmbio colombiano”.

O termo sintetiza o processo de transferência de plantas, animais e enfermidades entre a Europa, África e Ásia, para a América, que por tanto tempo foi distanciada desse Velho Mundo. O isolamento dos americanos, seria para Crosby o motivo pelo qual os nativos nunca teriam defesas para lidar com os vírus e germes de além-mar, pois segundo (Crosby, 2003, p.37) “as criaturas que mais sofrem são aquelas que foram isoladas há mais tempo, pois, seu material genético foi menos temperado por uma grande variedade de doenças mundiais”.

Outro expoente dos “deterministas” dessas enfermidades como importantíssimas para a alta mortandade e a subjugação dos povos indígenas, foi Noble David Cook, o qual também tomou para si o exemplo da conquista de Tenochtitlan para evidenciar tal teoria. Em *Born to Die: Disease and New World Conquest* (1998), o autor chega a ir mais longe que Crosby, ao insinuar que as doenças teriam sido usadas como armas biológicas de guerra, utilizadas pelos europeus para atingir seus objetivos de conquista (Cook, 1998, p. 211-214).

Além disso, William McNeill reitera em *Plagues and People* (1977) que o contrário – a grande morte de europeus por doenças ameríndias – não ocorreu devido ao fato de que as comunidades

indígenas não sofreram de grandes doenças no cenário pré-colombiano. Sendo as causas mais pontuais de seus colapsos demográficos as crises de quebra de colheita (McNeill, 1977, p. 177-178).

Ademais, Crosby realça essa teoria ao afirmar que os nativos desenvolveram poucas doenças, porque o Velho Mundo estava muito à frente da América na domesticação de animais. Isso pois, a presença de suínos, bovinos e caprinos no Novo Mundo acontece apenas após a chegada dos europeus. Sendo estes animais vetores de doenças, as quais já tinham ocorrido a muitas gerações na Europa, imunizando seus descendentes (Crosby, 2003, p.8).

Junto a isso, Crosby ainda pontua a falta de agregação populacional dos ameríndios como motivo dos mesmos não terem desenvolvido um número elevado de “doenças de multidão”. Doenças de multidão, portanto, são aquelas que, de acordo com Ambientais (2020, p. 11), “precisam de uma população humana suficientemente numerosa e densamente aglomerada para os patógenos se desenvolverem”. Por isso, seriam impossíveis de acontecer em uma comunidade menos unida fisicamente, como a configuração de caçadores-coletores que os povos indígenas se organizavam. Diferentemente do que ocorreu na Eurásia e África, em que as pessoas já conviviam em sociedades “mais complexas” (leia-se agregadas) a bem mais tempo.

Desse modo, a partir dos anos 2000 – quase nada distante de quando surge a teoria da epidemia em solo virgem – começam a aparecer autores que refutarão as ideias deterministas tanto de Crosby, Cook e McNeill. Esses estudiosos têm em comum a dúvida quanto a alta porcentagem de mortandade indígena pós-contato defendida por esses demógrafos, como quanto a essa importância demasiada dada as epidemias para o colapso demográfico dos ameríndios por esses mesmos estudos.

Nesse sentido, o demógrafo italiano Massimo Livi-Bacci será um dos primeiros a se opor radicalmente quanto as teorias deterministas, acreditando que as enfermidades trazidas do Velho Mundo nunca poderiam ter sido responsabilizadas pela dizimação populacional ameríndia de maneira completamente isolada, como foi feito anteriormente. Para Bacci, houveram fatores paralelos as doenças (as quais ele pode até deixar um pouco de lado em suas pesquisas) que culminaram no tamanho do genocídio ocorrido. Logo, nem tanto pela violência direta das guerras, para o autor foram as políticas de exploração sobre os corpos indígenas que, no mínimo, abriram caminho para o colapso demográfico (Livi-Bacci, 2006, p.17).

Em artigo de 2022, presente em uma coletânea chamada *Memórias Indígenas da Peste: epidemias e pandemias na América Latina*, Elaine Rocha, defensora das mesmas ideias de Levi Bacci, evidencia em seu trabalho uma dessas políticas de exploração sobre os corpos indígenas, que foi

o deslocamento de população, o que em si causava grande transtorno físico, as agruras dos deslocamentos de prisioneiros, que eram parte das expedições militares, e o movimento de populações escravizadas, muitas vezes a longas distâncias, como entre as ilhas e a altiplanos e América Central, a América Central e a América do Sul, ou entre planícies, montanhas, demandava caminhadas de centenas de quilômetros, pouca comida e exposição às intempéries também enfraqueciam os organismos das pessoas, facilitando as infecções (Rocha, 2022, p. 36).

No trecho a cima, a autora destaca as migrações forçadas dos ameríndios durante o período colonial como característica potencializadora das doenças trazidas de além-mar, sobre o quesito de sua “enorme mortandade”. Ademais, o destino desses deslocamentos, os quais eram o tráfico para a escravização de nativos em regiões longínquas as suas, também é evidenciado pela historiadora como um fator violento do colonialismo que, junto das enfermidades, foi decisivo para o extermínio de boa parte de suas populações (Rocha, 2022, p. 37).

Adjunto a Bacci e Rocha, David S. Jones é outro referencial de análises que refutaram a teoria da epidemia em solo virgem. No seu artigo de 2003 *Virgin Soil Revisited*, além de também reforçar que a grande mortandade de indígenas pós-contato se deu não apenas por fatores biológicos, mas impulsionada por conta de causas políticas e sociais, Jones refuta os argumentos da suposta falta de proteção dos nativos americanos tão reforçada pelos deterministas, a qual se dariam pela falta de imunidade dessas populações. Para Jones:

Isso não faz sentido. Índios, como todos os seres humanos - e todos os vertebrados – possuem elaborados sistemas imunológicos e podem montar poderosas defesas contra vírus, bactérias, fungos e parasitas, mesmo em uma primeira exposição. Ninguém é imunologicamente indefeso. Haveria alguma coisa que deixaria o sistema imunológico ameríndio mais sutilmente deficiente? Muitas afirmações de “não imunidade” dependem da alegação de que o isolamento ameríndio das doenças, que os deixaram livres no paraíso das Américas, enfraqueceu seu sistema imunológico. Mas os arqueólogos já mostraram que muitas doenças existiam nas Américas antes dos europeus chegarem, incluindo tuberculose, treponematose, pneumonia, osteomielite, febre tifóide, shigella, salmonela, leishmaniose, doença de Chagas, toxoplasmose, amebíase, giardíase, tinea, blastomicose e infestações com vermes, lombrigas e ancilostomídeos. Os sistemas imunológicos dos ameríndios tinham tido exercício pleno (Jones, 2003, p. 10).

Isto é, para o autor, os povos originários tanto tinham imunidade inata (como todo ser humano), como também teriam a imunidade adquirida, uma vez que já fora comprovado a existência de diversas doenças entre eles no período pré-colombiano. Entretanto, o número de mortes não seria tão expressivo quanto aos do pós-contato com os europeus, o que por si só já prova a relatividade das doenças como causa principal dessa hecatombe demográfica ameríndia. No entanto, é relevante destacar que nem Jones, nem os outros estudiosos anti-teoria do solo virgem citados aqui, negam a influência das epidemias como causa da redução populacional, apenas não a encaram como a causa absoluta, restando atribuí-la as mazelas da exploração do homem branco.

Destarte, tendo como ponto de partida as antíteses feitas pelo último grupo de autores aos primeiros, vem a surgir uma “terceira via”, isto é, um atual caminho teórico de pesquisadores que balanceiam o protagonismo do impacto das epidemias e da violência colonialista em meio ao processo de mortandade da população nativa-americana pós-colombiana. Estes acabam por não se distanciarem muito dos estudiosos que dão ênfase às violências do colonialismo, pois também criticam a visão simplista da teoria da epidemia em solo virgem, todavia, entendem a brutalidade europeia e os fatores biológicos como atores co-dependentes neste acontecimento histórico.

Logo, ao invés de afirmarem que, adjunto das enfermidades, o sistema cruel imposto ao povo ameríndio foi o principal catalizador da sua queda demográfica abrupta e que, sem esta dinâmica o ocorrido poderia ser diferente, a “terceira via” enfatiza a multifatorialidade do genocídio, atribuindo igual culpa a ambas causas. Portanto, um exemplo deste argumento encontra-se no livro-coletânea “*Beyond Germs: Native Depopulation in North America*” (2015), no qual seus organizadores partem da premissa de que

Uma variedade de causas, além dos germes, pode ser demonstrada como tendo afetado a morbididade indígena. Essas causas incluem o trabalho excessivo, a destruição de recursos e meios de produção, a violência, a escravidão, narrativas mal compreendidas ou fabricadas, o apagamento da identidade indígena, a interrupção dos vínculos sociais e o desmembramento e dispersão das comunidades (Cameron, Kelton e Swedlund, 2015, p.4).

Dessa forma, estes estudiosos não entendem as enfermidades trazidas de além-mar como potencializadoras do genocídio indígena colonial que nem Levi Bacci, Rocha e Jones abordam, mas como elementos de uma teia muito mais complexa de ocorrências que culminaram neste fim. Para Charles Mann, um predecessor deste pensamento, as doenças interagiram não só com a violência do

colonialismo, mas com todo o ecossistema indígena pré-colombiano, enfatizando a interdependência entre esses fatores no processo de depopulação ameríndia (Mann, 2002, p.7).

Por último, concluímos que o debate acadêmico acerca do papel das epidemias na hecatombe demográfica indígena durante o período colonial é vasto e quase infindável, merecendo muito mais páginas que este esforço analítico consegue abarcar. Entretanto, mesmo assim, pudemos concluir que ele possui diferentes interpretações, principalmente relacionadas ao protagonismo das doenças ou das violências do colonialismo neste contexto, ou então, da relativa/integrativa implicação de ambos para esta catástrofe histórica.

Embora uns refutem os outros, é inegável a contribuição de cada um dos autores aqui citados e aqueles que, embora não abordados, também fizeram seus apontamentos para dar as bases deste assunto tão complexo. Espera-se com esperança que este tópico ainda possua muitas discussões e rediscussões, as quais só nos resta aguardar para ver, ou melhor, para ler.

Considerações Finais

Neste artigo, optou-se por realizar uma revisão de literatura que é aquela em que buscamos em outros materiais acadêmicos interpretações prévias ao assunto referido, afim de junta-las e tecer novas considerações. Por isso, aqui se escolheu trabalhar com obras que abrangem as interpretações científicas de diversos autores sobre o papel das epidemias ocorridas na América colonial para a depopulação dos nativos americanos pós-contato com os europeus. Isso na intenção de agrega-las e estabelecer um diálogo entre elas como produto final.

Dessa forma, esta pesquisa indicou a existência de, a princípio, dois tipos divergentes de opiniões: as que validam as epidemias como fator crucial e isolado para o declínio demográfico dos nativos (apoiados em Henrique Dobyns) e aquelas que as refutam, entendendo as mazelas do colonialismo como fator predominante. Neste primeiro grupo de interpretações foram destacados Albert Crosby, Noble David Cook e Willian McNeill, sendo os 3 estudiosos defensores da teoria da epidemia em solo virgem (*virgin soil epidemics*). De modo geral, pode-se dizer que esse conjunto de historiadores defendem, através de várias hipóteses histórico-biológicas, que os nativos nunca teriam defesas imunológicas para lidar com as doenças vindas do Velho Mundo. Isso pois, estiveram isolados

dessas enfermidades por muito tempo. Logo, seriam as epidemias a principal causa predestinada da hecatombe demográfica ameríndia no encontro com os europeus.

Entretanto, a partir dos anos 2000, surgiria o segundo grupo de autores predominante, sendo aqueles que irão refutar as ideias de determinismo biológico dos estudiosos antecedentes. Entre eles estão em relevância Massimo Livi-Bacci, Elaine Rocha e David S. Jones e o que todos eles têm em comum é uma desconfiança quanto a exagerada importância dada as epidemias para o declínio populacional indígena durante o período colonial, referenciada pela teoria da epidemia em solo virgem. Portanto, esses pesquisadores trazem argumentos para comprovar que na verdade não foram as doenças isoladamente que mataram esses nativos, mas sim, elas associadas às políticas de violência contra o indígena realizadas pelos colonizadores.

Ainda recentemente é avistada uma terceira via, ou seja, um novo grupo de teóricos que visam igualar a dimensão do impacto que tiveram as epidemias e a violência do sistema colonialista aos corpos indígenas na hecatombe demográfica dos ameríndios no contexto pós-colombiano. Os mesmos enfatizam que este é um acontecimento multifatorial, indo além dos germes e das armas. Como principais expoentes deste movimento são apontados Catherine M. Cameron, Paul Kelton e Alan C. Swedlund, organizadores do livro de mesma premissa “*Beyond Germs: Native Depopulation in North America*” e Charles Mann, predecessor do pensamento.

Por fim, é interessante ressaltar que o artigo aqui desenvolvido limita-se a escolha de autores que foram considerados os principais sobre o debate acerca do papel das epidemias para o colapso demográfico ameríndio durante o período da América colonial. Logo, existem alguns outros autores que também tratam de tal tema, todavia, como a maioria converge de ideias, não foram citados neste artigo para o mesmo não se tornar redundante. O critério de seleção, então, foi feito a partir da identificação dos autores mais populares encontrados no conjunto teórico utilizado, por isso, um trabalho que envolva a mesma problemática poderá utilizar de outros, embora não consiga fugir muito destes estudos memoráveis.

Referências bibliográficas:

ANZOLIN, André Soares. As doenças como exempla: epidemias e mortes nas cartas do jesuíta José de Anchieta. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 17, n. 27, p. 277- 288, 2016.

CAMERON, Catherine M.; KELTON, Paul; SWEDLUND, Alan C. Introduction. In: CAMERON, Catherine M.; KELTON, Paul; SWEDLUND, Alan C. (orgs.). **Beyond Germs: Native Depopulation in North America**. Tucson: University of Arizona Press, p. 1-18, 2015.

COOK, Noble David. **Born to Die: Disease and New World Conquest, 1492-1650**. New York: Cambridge University Press, 1998.

CROSBY, Alfred W. **The Columbian exchange: biological and cultural consequences of 1492**. Westport: Praeger Publishers. 2003.

DANTAS, Rodrigo Perles. **As epidemias são históricas uma relação entre as doenças infectocontagiosas e crises econômicas na América Portuguesa**. São Paulo: XI Congresso de História Econômica, 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/02XDx> . Acesso em: 20 de jun. de 2025.

DENEVAN, William M. (Ed.). **The native population of the Americas in 1492**. Wiconsin: Univ of Wisconsin Press, 2ª Ed. 1992.

DIEHL, Eliana Elisabeth. Prefácio In: BRIGHENTI, Clovis A (Org). **Memórias indígenas da peste: epidemias e pandemias na América Latina**. São Carlos: Pedro & João Editores, p.7-15, 2022.

DOBYNS, Henry F. An Appraisal of Techniques with a New Hemispheric Estimate a New Hemispheric Estimate. **Current Anthropology**, v. 7, n. 4, p. 395-416, 1966. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2740306>. Acesso em: 20 de out. de 2025.

JONES, David S. Virgin soils revisited. Virgínia: **The William and Mary Quarterly**, v. 60, n. 4, p. 703-742, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3491697>. Acesso em: 23 de out. de 2025.

LAS CASAS, Bartolomé de. **Brevísima relación de la destrucción de las Indias**. Sevilla: Sebastián Trujillo, 1552. Reedição: México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

LETRAS AMBIENTAIS. 3 motivos por que epidemias mudaram a história dos indígenas no Brasil. 2020. Disponível em: <https://www.letrasambientais.org.br/posts/3-motivos-por-que-epidemias-mudaram-a-historia-dos-indigenas-no-brasil>. Acesso em: 20 de jun. de 2025.

LIVI BACCI, Massimo. **Los estragos de la conquista: quebranto y declive de los indios de América**. Barcelona: Crítica, 2006.

MANN, Charles C. 1491. **The Atlantic**, v. 289, n. 2, 2002. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2002/03/1491/302445>. Acesso em: 27 de out. de 2025.

MCNEILL, W. **Plagues and peoples**. New York: Anchor Press/Doubleday, 1977

MORAES, L. da S. Perigo Silencioso: Análise historiográfica sobre o reflexo das epidemias na América colonial. Noctua, [s.l.]: **Revista Nocua**, v.1, n. 2, p.1-11, 2018.

NERUDA, Pablo. Ode à Araucaria araucana. **Odes Elementares**. Tradução de Luís Pignatelli. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977.

ROCHA, Elaine Pereira. A colonização dos corpos. A doença como ferramenta de dominação. In: BRIGHENTI, Clovis A. **Memórias indígenas da peste: epidemias e pandemias na América Latina**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 31-62, 2022.

SAHAGÚN, Bernardino de. **Historia general de las cosas de la Nueva España**, 1585. México: Fondo de Cultura Económica, 3ª Ed. 1989.

THORNTON, Russell. **American Indian holocaust and survival: A population history since 1492**. University of Oklahoma Press, 1987.

WAIZBORT, Ricardo; PORTO, Filipe. Epidemias e colapso demográfico no México e nos Andes do século XVI: contribuições da biologia evolutiva. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 25, p. 391-407, 2018.

WAIZBORT, Ricardo. **A pandemia de Covid-19: história, política e biologia**. [s.l]: Fiocruz, 2020. Disponível em: <https://coc.fiocruz.br/todas-as-noticias/a-pandemia-de-covid-19-historia-politica-e-biologia/>. Acesso em: 20 de jun. de 2025.